

A QUESTÃO DA DIVINIZAÇÃO DE ALEXANDRE MAGNO EM SUA VISITA AO ORÁCULO DE SIVA (331 a.C.)

Danilo Bernardino¹

Resumo: A pesquisa busca montar, mediante as variadas versões apresentadas nas fontes e na historiografia, um quadro explicativo dos motivos e das consequências da visita de Alexandre Magno ao oráculo de Siva, em 331 a.C.. Para tanto, foi investigado os antecedentes da peregrinação e as diversas versões das fontes sobre como Alexandre teria sido recebido pelo oráculo do deus Amon. Dessa forma, o presente trabalho pretende entender a peregrinação ao oráculo de Siva como um momento fundamental para a divinização de Alexandre Magno.

Palavras-chaves: Alexandre Magno; Egito; Oráculo de Siva; Império persa.

Abstract: This paper intends to outline the reasons and consequences of Alexander's visit to the oracle of Siva in 331 b.C.. In order to do that, it is necessary to review the circumstances of the peregrination into Egypt as well as to analyze the encounter with the priest of god Amon. As a result, this paper should be able to clarify the consequences of Alexander's visit to Siva, which was a crucial moment in the process of divinization of the king.

Key words: Alexander Magnus; Egypt; Oracle of Siva; Persian Empire.

O rei Alexandre da Macedônia herdou de seu pai Filipe II, assassinado em 336 a.C, a ambição da afastada terra Macedônica de se tornar hegemônica no mundo grego e de expandir seu reino em direção ao grande e poderoso Império Aquemênida. Desde que subiu ao trono em 359 a.C., Filipe II dominou o cenário político e militar do mundo Egeu, assenhorando-se da fronteira entre Trácia e Macedônia que estava sob o controle de Atenas, entrando na Anfictiónia de Delfos² e enfim conquistando a hegemonia no mundo grego derrotando Atenas na batalha de Queroneia, em 338 a.C.

¹E-mail: Danilobernardino20@gmail.com / Graduando em História - Universidade de Brasília

² Liga religiosa entre cidades estado gregas que tratava dos assuntos do templo de Delfos.

A morte precoce de Filipe II delegou ao jovem Alexandre um reino e exército poderosos com um primeiro objetivo claro, estipulado pela Liga de Corinto³, de conquistar a Pérsia. Tal tarefa, no entanto, exigia mais que apenas um rei da Macedônia, era necessário um rei divino e digno dos grandes deuses e heróis do panteão grego. Alexandre perseguiu essa reivindicação divina em diversos momentos de sua expedição asiática, e em vida conseguiu lograr tal objetivo, chegando a exigir honras divinas dos gregos reunidos em Olímpia no ano de 324 a.C. (MOSSÈ, 2004, p.82).

O reino da Macedônia herdado por Alexandre se localizava nos limites setentrionais do mundo grego. A recorrente dúvida se de fato os macedônios eram considerados gregos pelos próprios helenos é uma pergunta difícil de ser respondida. Se por um lado, foi dado aos macedônios o direito de participar dos jogos olímpicos. Por outro, temos a visão do político ateniense Demostenes, para quem os macedônios eram bárbaros, e apresentavam uma estrutura política típica de povos não civilizados sendo reinados por um monarca absoluto (MOSSÈ, 2004, p.16). Esse tipo de estrutura política era mal vista pelos gregos, apesar de que governos nos mesmos moldes existissem na própria Grécia, como em Siracusa no século IV.

Mas Alexandre sempre esteve mais próximo da Hélade. Durante a adolescência, Alexandre teve como tutor Aristóteles, símbolo contemporâneo do pensamento grego, e desde de criança, cresceu à sombra das histórias dos deuses e heróis da mitologia grega, carregando, inclusive, sempre consigo uma edição da *Iliada* formulada pelo próprio Aristóteles. Essa proximidade de Alexandre com os poemas homéricos reverberou em sua expedição à Pérsia por inúmeras vezes, em sua inesgotável necessidade de se igualar a esses grandes heróis e deuses gregos. Um primeiro exemplo disso foi o fato de Alexandre ter escolhido desembarcar justamente em Tróia em sua chegada à Ásia Menor no início do empreendimento contra os persas, repetindo os passos de Agamenon e de seu “ancestral” Aquiles na mitológica guerra de Tróia (MOSSÈ, 2004, p.29).

Nesse sentido, a passagem de Alexandre pelo Egito, durante a campanha contra Dario, se mostra fundamental pois além de poder-se observar traços dessa necessidade de busca do divino, foi no Egito que, de fato, Alexandre a teria alcançado. Assim, dois eventos, em especial, marcaram a passagem de Alexandre pela terra dos faraós. O primeiro foi a fundação da cidade de Alexandria, que teria sido vislumbrada por

³ Liga militar grega criada por Filipe II para enfrentar o império persa, a liga de Corinto não contava com a participação de Esparta.

Alexandre em um sonho profético no qual um sábio ancião lhe teria dito a ideal localização da nova cidade (GREEN, 2013, p. 271). Pode-se observar a partir dessa história já um indício da divinização das decisões de Alexandre que, de certo, as legitimavam, pois, assim, passariam a ser decisões divinas, logo dificilmente contestadas.

A nova cidade foi idealizada pelo rei para ser o novo grande porto do Mediterrâneo, sucedendo Tiro que havia sido conquistada pouco antes da chegada ao Egito, e não apenas para ser um posto avançado para seu exército (BEVAN, 1968, p. 4). A fundação de Alexandria com tais ambições demonstra quão grandes eram as ambições do jovem rei da Macedônia, ambições que ultrapassavam os objetivos da Liga de Corinto

O segundo evento, que será analisado mais atentamente neste trabalho, foi a peregrinação de Alexandre ao oráculo de Siva. Essa peregrinação significou para Alexandre uma mudança na representação de si mesmo, transformando-se no rei Alexandre, uma figura que não se limitava mais apenas à macedônia e que reivindicava ascendência divina.

Primeiramente, é importante salientar que as circunstâncias nas quais Alexandre chegou ao Egito e, em seguida, ao oráculo do deus Amon eram favoráveis ao rei. O rei macedônio alcançou Memphis após ter vencido batalhas decisivas contra os persas no Granico e em Isso, esta com a presença do Grande rei Dario no campo de batalha. Ao chegar ao Egito, as tropas de Alexandre foram recebidas sem resistência militar, pois Micazes, sátrapa⁴ persa no Egito, teria de tal forma se impressionado com as recentes vitórias de Alexandre, que não mobilizou resistência contra os macedônios (ARRIANO, 3. 1), mas os recebeu bem, com presentes e uma quantia de oitocentos talentos (GREEN, 2013, p. 269).

Alexandre foi recebido como libertador pelos egípcios, que desde que foram anexados ao império Aquemênida no século VI por Cambises II não cessaram de se rebelar contra a presença persa. Em uma dessas revoltas contra os persas, os egípcios contaram com a ajuda militar dos gregos, sobretudo com o rei espartano Agesilau. Esse

⁴ Título persa concedido aos administradores das províncias do império.

histórico de ajuda militar dos gregos somado a estratégia alexandrina de respeito a cultura local⁵, tornaram a figura do rei popular aos olhos dos egípcios.

É interessante perceber que essa visão otimista dos egípcios para com a imagem de Alexandre fez com que lendas sobre a divindade do rei aparecessem no Egito. Em uma delas, Alexandre seria filho de Nactanebo II, último faraó do Egito e considerado uma figura divina, que teria se transformado em uma serpente e fecundado Olímpia⁶, mãe de Alexandre. Tal imagem divina e egípcia de Alexandre teria sido reforçada para a legitimação da dinastia Ptolomaica⁷ no Egito, após a morte do rei Alexandre (BEVAN, 1968, p. 3; GREEN, 2013, p. 270). A boa recepção de Alexandre pelos egípcios pode ser uma evidência a favor da aceitação de Alexandre como divino pelo oráculo de Amon, tema que será abordada atentamente adiante. Apesar de todo esse quadro a favor, Alexandre tomou o cuidado de não anexar oficialmente o Egito ao império, pois este não era um objetivo estabelecido na Liga de Corinto (MOSSÈ, 2004, p. 30).

Então sob essas condições, Alexandre decidiu visitar o famoso oráculo de Siva. O oráculo do deus egípcio Amon, visto pelos gregos e por Alexandre como a representação egípcia do deus grego Zeus, localizava-se aproximadamente a 482 quilômetros distante de Memphis e era cercado pelo duro e escaldante deserto líbio (GREEN, 2013, p. 272). Mas apesar do deserto que o cercava, o distrito de Siva era repleto de oliveiras e tamareiras, contava com inúmeras nascentes que de dia forneciam água gelada e de noite água morna e, ainda, um terreno rico em sais medicinais obtidos mediante escavação, por vezes, pelos sacerdotes do templo que os usavam para dar de presente e para realizar sacrifícios (ARRIANO, 3. 3).

Os motivos de enfrentar o deserto para visitar o oráculo de Siva resumem-se a dois. O primeiro motivo deveu-se ao fato de Alexandre ter adquirido o hábito de consultar oráculos antes de cada grande conquista. Alexandre, por exemplo, recorreu ao oráculo de Delfos antes de partir para a Ásia Menor (GREEN, 2013, p. 272), dessa vez, Alexandre preparava-se para a batalha, que seria a derradeira, contra o Grande Rei Dario, na planície de Gaugamela. Apesar de ser uma prática comum na Grécia, os atenienses, por exemplo, visitaram o mesmo oráculo de Amon durante a Guerra do

⁵ No Egito, Alexandre deu exemplos de seu costumeiro hábito de respeitar a cultura local realizando sacrifícios ao touro de Ápis por Alexandre. Já os persas caracterizaram sua passagem pelo Egito.

⁶ Muitas acusações recaíram sobre Olímpia após o assassinato de Filipe, mas nunca com alguma comprovação. Segundo Plutarco (*Alexandre*, 9), a rainha seria ciumenta, agressiva e de caráter difícil.

⁷ Dinastia Ptolomaica, ou Lágida, fundada por Ptolomeu, general de Alexandre, que assenhorou-se do Egito após a morte do rei da Macedônia.

Peloponeso atrás de presságios, a atitude de visitar o oráculo demonstra um traço marcante da personalidade de Alexandre, o de recorrer sempre ao divino para decidir qual seria seu próximo movimento, estando, assim, sempre próximo deste.

O outro motivo da decisão de peregrinar ao oráculo de Siva, sendo este talvez o motivo mais importante, se reserva ao fato da fama adquirida pelo oráculo de Amon no mundo grego. Na mitologia grega, por exemplo, Perseu havia visitado o oráculo enviado por Polidecto⁸ e Hércules, também, quando buscava por Anteu⁹ (ARRIANO, 3.3). Sendo assim, Arriano afirma que a visita ao oráculo de Siva nada mais representa do que uma tentativa de Alexandre de se igualar aos seus “rivais”, assim como fez ao desembarcar em Tróia. Arriano usa o termo grego φιλοτιμια para referir-se ao gesto de Alexandre em relação a Perseu e Hércules, que corresponde em português a uma ambição tendenciosa (3.3). Além de Arriano, Calistenes¹⁰, também, apontou a imitação de Hércules e Perseu como motivo principal para Alexandre desejar ir a Siva (Fox, 2004, p.496). Pode-se enxergar disso uma corrida de Alexandre para estar ao lado e no mesmo nível de figuras mitológicas e divinas. Logo, a visita ao oráculo, rivalizando (φιλοτιμια) com dois heróis gregos, significaria um passo que Alexandre deveria dar para atestar sua divindade.

Tendo esses motivos em vista, Alexandre deixou seu exército e, então, partiu com um pequeno grupo em direção ao oráculo de Siva. Após quatro dias de viagem e sem água e suprimentos, o grupo, liderado por Alexandre, teria sido salvo por uma incomum tempestade que os abasteceu com água e deixou o ar mais respirável, permitindo o prosseguimento da peregrinação (ARRIANO, 3.2; *Alexandre*, 27). Além disso, Ptolomeu¹¹ conta que após uma tempestade de areia, *Klamsin* (GREEN, 2013, p. 274), Alexandre havia perdido o caminho para o oráculo, então, duas serpentes teriam se comunicado com o rei da Macedônia e guiado o grupo ao caminho correto. Na versão de Aristóbulo¹², versão mais recorrente segundo Arriano, ao invés de duas serpentes, na verdade, quem teriam indicado o caminho certo aos peregrinos teriam sido dois corvos,

⁸ Na mitologia, rei da ilha de Sérifo.

⁹ Filho dos deuses Poseidon e Gaia, extremamente forte quando em contato com a terra e extremamente fraco quando não estava em contato com o solo. Hercules matou Anteu o tirando do contato com o solo e o esmagando suspenso no ar.

¹⁰ Sobrinho de Aristóteles, acompanhou a expedição de Alexandre para documentá-la. Foi executado após uma suspeita de conspirar contra a vida de Alexandre na chamada revolta dos pajens.

¹¹ General de Alexandre que se tornou o senhor do Egito após a morte de Alexandre. Apesar da costumeira sobriedade que se atribui aos relatos de Ptolomeu, não se sabe de fato se ele participou do grupo que acompanhou Alexandre ao oráculo de Siva.

¹² Filósofo judeu que viveu em Alexandria anos depois da morte de Alexandre.

que voando à frente do grupo teriam revelado o caminho para o oráculo (ARRIANO, 3. 3). Calistenes acrescentou a essa versão de Aristóbulo que esses corvos divinos chamavam pelo nome aqueles homens que ficavam para trás (*Alexandre*, 27).

Essas lendas que cercam a viagem de Alexandre ao oráculo de Siva legitimam a figura divina de Alexandre, pois todas nos levam a crer que as divindades guiaram e permitiram que Alexandre pudesse cumprir seu dever de chegar ao famoso oráculo, repetindo, assim, os passos de Perseu e Hércules. Dessa forma, Alexandre parecia ter o direito divino de estar equiparado aos dois heróis gregos, visto que, os deuses o levaram ao caminho correto do oráculo.

Portanto, após três semanas de viagem, Alexandre chegou ao distrito de Siva em fevereiro de 331 a.C., onde se localizava o oráculo do deus Amon. Em sua chegada, Alexandre se encaminhou rapidamente ao oráculo, e foi sozinho pois não foi admitido que Alexandre levasse acompanhantes para a consulta (GREEN, 2013, p. 274). O rei, segundo Plutarco¹³ (*Alexandre* 27), primeiramente perguntou ao oráculo se algum dos assassinos de seu pai havia escapado sem punição, o oráculo lhe respondeu para vigiar a língua, pois seu pai, pai de Alexandre, não era mortal. Alexandre, então, modificou a pergunta e indagou ao oráculo se todos os assassinos de Filipe haviam sido castigados e se o deus lhe concederia o poder de tornar-se senhor de todos os homens. O oráculo respondeu dizendo que lhe concederia o poder sob os homens e que sim, Filipe havia sido vingado. Além disso, o oráculo, ainda, teria saudado Alexandre como filho de Zeus e, segundo Plutarco, o rei teria gostado de ter ouvido do oráculo tal afirmação e a história de que o rei da Macedônia era filho de Zeus se espalhou.

Mas Plutarco (*Alexandre* 27) alerta para uma possível confusão do oráculo ao pronunciar o grego antigo. O oráculo, nessa versão, teria trocado um sigma, “σ”, por um ni, “ν”, e, assim, ao invés de ter dito em grego *paidion* (παῖδιον), que no vocativo significa “meu filho” (querido filho), teria dito *paidios* (παῖδιος), filho de Zeus, que se dá pela junção de ὁ παῖς, no nominativo, com τοῦ Διός, no genitivo, ou seja, filho de Zeus.

Além da versão de Plutarco que aponta para uma não intenção do oráculo de chamar Alexandre de filho de Zeus, há, também, a versão de Arriano que vê a possibilidade de o oráculo ter, de fato, chamado Alexandre de *paidios*. Arriano afirma que “[...]ele recebeu a resposta que seu coração desejava[...]” (καὶ ἀκοθσας ὅσα αὐτῶι

¹³ Historiador e biógrafo grego.

πρὸς θυμοῦ ἦν) (3.4), logo, essa resposta seria de que ele seria filho de Zeus, tendo em vista que, o próprio Arriano chama a atenção para o fato de Alexandre ter ido a Siva “rivalizar” com Perseu e Hércules, numa tentativa de atestar sua origem divina. Essa versão de Arriano, ou seja, de que o oráculo chamou Alexandre de filho de Zeus, não parece de forma alguma absurda se pensarmos que o filho da rainha Olímpia estava na posição prática¹⁴ de senhor do Egito e era dono do exército mais poderoso do mundo, logo, agradar Alexandre poderia ser apenas um reflexo de autoproteção.

Por parte da historiografia contemporânea, Peter Green entende que as respostas dadas a Alexandre pelo oráculo foram mantidas em segredo na época e sempre serão problemáticas (GREEN, 2013, p.274). Já Robin L. Fox (Fox, 2004, p. 521), também, ressalta que Alexandre nunca revelou o que perguntou e o que ouviu dentro do templo, e vai além. Para o autor, as perguntas que Alexandre teria feito ao oráculo que chagaram aos dias atuais, evidenciadas em Plutarco, teriam sido formuladas anos depois da morte do rei. Essas perguntas, segundo Fox, revelariam, na verdade, como o exército via Alexandre, pois teriam sido criadas a partir do que os soldados imaginavam que seu rei teria perguntado. A pergunta sobre assenhora-se de todos os homens, por exemplo, revelaria na verdade a visão imperialista e ambiciosa que esses indivíduos tinham do rei. Por outro lado, Claude Mossé entende que essas perguntas teriam sido criadas com Alexandre ainda vivo. Segundo a autora, a pergunta sobre se Filipe havia sido vingado teria sido formulada com objetivos políticos pelo rei quando exigiu dos gregos honras divinas em 324 a.C. em Olímpia (MOSSÉ, 2004, p.83). Essa hipótese de Mossé demonstra o grande jogo de poder articulado por Alexandre, no qual legitimar-se deus e vingador da morte de Filipe II parecia, claramente, muito vantajoso para solidificar e legitimar sua posição de líder tanto na Grécia, quanto no resto do império.

Nesse sentido, Plutarco (*Alexandre*, 28) também escreveu sobre o uso dessa divindade do rei para fins de legitimação. Mas não para os gregos e, sim, para os bárbaros, a quem Alexandre faria questão de exibir seu orgulho de ser filho de um deus. Já para os gregos, diz Plutarco, Alexandre seria mais comedido, inclusive, referindo-se a Filipe como seu pai, de fato¹⁵.

¹⁴ Para Peter Green, Alexandre chegou a ser de fato coroado um Faraó assim que chegou ao Egito (GREEN, 2013, p.272). Já Claude Mossé afirma que não se sabe ao certo se Alexandre foi de fato coroado Faraó, mas que em todo caso, Alexandre teria adotado parte da titulação tradicional (MOSSÉ, 2004, p.31).

¹⁵ Plutarco faz referência a uma carta escrita pelo rei aos atenienses a respeito de Samos. Nessa carta, Alexandre dala dos feitos de seu pai, e refere-se a Filipe e não a Zeus (*Alexandre*, 28).

Ainda assim, Fox não desmente, apesar da impossibilidade de saber o que de fato aconteceu no templo e dos possíveis usos políticos das possíveis respostas do oráculo, que Alexandre a partir da visita à Siva manteve-se muito próximo ao deus, Amon Zeus. Alexandre, por exemplo, por diversas vezes invocou o nome do deus em sacrifícios e, também, recorreu ao oráculo de Siva após a morte de seu general e amigo Hefestíon¹⁶ para saber se o companheiro morto deveria ser lembrado como deus, ou como herói (Fox, 2004, p. 521). Logo a ligação que Alexandre manteve com o deus e, conseqüentemente, com o oráculo foi próxima ao longo de sua vida, independente das respostas do sacerdote de Amon e se Alexandre de fato acreditava ser filho do deus, ou não.

Sendo controverso o diálogo entre o oráculo e Alexandre, foi mesmo a partir da expedição ao oráculo de Siva que a questão da ascendência divina do rei de fato começou, para, enfim, culminar nas exigências de Alexandre de honras divinas dos gregos reunidos em Olímpia no ano de 324 a.C. Alexandre, a partir da visita ao oráculo de Amon, passou a comportar-se e a ser visto de forma distinta, sua vitória subsequente à visita ao oráculo contra o rei Dario, e sua aventura por terras desconhecidas na Índia, legitimaram a lenda do ocorrido em Siva, de que Alexandre realmente era filho de um deus e teria sido chamado dessa forma pelo oráculo.

Se Alexandre acreditava de fato ser filho de Zeus, ou apenas usava de tal lenda para aproveitar-se politicamente dos benefícios de ser filho de um deus para legitimar-se, não pode-se inferir com plena convicção, mas a história da ascendência divina do rei se espalhou (*Alexandre 27*) e o filho de Olímpia se tornara um deus em vida, fama que parecia estar predestinada a ele, pelas vitórias de seu pai, Filipe II, que delegaram a Alexandre condições favoráveis e pelos seus seguidos sucessos durante os anos de batalhas. Dessa forma, Alexandre igualou-se aos grandes heróis que cresceu ouvindo falar, desvencilhou-se da sombra de Filipe II e legitimou seu poder. O rei da Macedônia, então, tornou-se maior que seu próprio reino, e passou a ser o rei Alexandre, uma figura envolta de lendas, sucessor do império Aquemênida, líder dos gregos e chefe do exército mais poderoso do mundo, que mesmo após sua morte teria sua lenda perpetuada e aumentada. De fato, todos esses atributos e sucessos só poderiam se dar para um ser divino, um filho de Zeus, e o oráculo de Siva garantiu a Alexandre tal status.

¹⁶ Homem de confiança de Alexandre, morreu em 324 a.C,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte:

ARRIANO. *Anabasis de Alexandre*. Tradução de P. A. Brunt. Cambridge. MA. London. Havard University Press, 1983.

DIODORO DA SICÍLIA. *Biblioteca Histórica*. Tradução de Russel M. Geer. Cambridge, MA; London; Havard University Press, 1947.

PLUTARCO. *Alexandre e César: as vidas comparadas dos maiores guerreiros da antiguidade*. São Paulo. Ediouro. 2004.

Bibliografia:

GREEN, Peter. *Alexander Of Macedon, 356-323 B.C.: A historical Biography*. California. University of California Press. 1974.

FOX, R. L. *Alexander The Great*. Pinguim Books. 1973.

MOSSÉ, Claude. *Alexandre, o Grande*. São Paulo. Estação Liberdade. 2004.

BRIANT, Pierre. *Alexandre, o Grande*. Porto Alegre. RS. L&PM. 2010.

BUGH, Glenn R. *The Cambridge Companion to the Hellenistic World*. Cambridge. Cambridge University Press. 2006.

TARN, William. *The Greeks in Bactria and India*. Cambridge. Cambridge University Press. 1966.

DROYSEN, Johann Gustav. *Alexandre, o Grande*. Rio de Janeiro. Contraponto Editora. 2010.